

Reflexões Sobre As Identidades Culturais e As Imigrações aplicadas à mídia¹

Ágata do Nascimento MACEDO²
José Tarcísio da Silva OLIVEIRA FILHO³
Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

RESUMO

As imigrações podem ser refletidas de diversas maneiras, a partir das diferentes sociedades em que elas acontecem. Esses cenários em que os imigrantes se propõem estar, de forma obrigada, são originados de problemas econômicos, políticos ou ambientais, expondo-os a situações de fragilidade, tanto nos seus percursos, quanto nas experiências vividas nas sociedades de recepção (ZIMMERMAN et. al, 2011 apud MARTIN et. al, 2018). Assim, em síntese, a imigração trata-se de pessoas que saem de um país para o outro a fim de encontrar uma melhoria de vida. Nesta pesquisa, que recorre à metodologia de revisão de literatura (STUMPF, 2012), o objetivo é refletir sobre como as identidades culturais perpassam às imigrações e influenciam tanto a vida dos imigrantes quanto as sociedades de recepção, já que as mesmas são responsáveis por delimitarem parte das diferenças entre os indivíduos. Ainda propõe-se a tensionar o papel da mídia neste processo. Foram realizadas leituras de autores que falam sobre imigração, identidade e cultura, como Stuart Hall, que fala sobre a cultura e como ela permanece forte, mesmo diante das miscigenações; Kathryn Woodward, que descreve sobre as identidades e diferenças, como elas surgem e podem ser identificadas; Homi Bhabha que fala sobre os estereótipos criados e como eles se tornam fixos e; Fabiane Albuquerque que faz uma análise de como os imigrantes que chegam na Itália são retratados pela mídia. Assim, diante desse arcabouço teórico, podemos pensar as imigrações de diversas formas e sob diversas perspectivas, como, o deslocamento, como acontecem, a trajetória, o que passa, o novo local, o choque com as novas culturas, o desprendimento ao local de origem, as dificuldades encontradas, como a sociedade de recepção vê os imigrantes, entre muitas outras perspectivas de abordagem. Quando Stuart Hall (1979), inicia a discussão sobre as diásporas, cita as complexidades que ocorrem sobre as identidades (caribenhas), diante de uma globalização crescente. Hall

1 Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 2 a 4 de junho de 2022.

2 Estudante de graduação 7º semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFRR, email: agatamacedogtn@gmail.com

3 Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFRR, e-mail: jose.tarcisio@ufr.br

(1979) reflete sobre os elos que se mantêm, a partir do pensamento de Chamberlain (1998), que diz em seu livro sobre migrantes barbadianos que foram para o Reino Unido e como eles lutam para preservar suas origens e suas identidades culturais. Hall (1979), afirma que isso pode ser confirmado por pesquisas realizadas com imigrantes caribenhos no Reino Unido, conhecidos por minorias étnicas, onde se confirma que a “identificação associativa”, como o autor define, trata-se dos elos que os imigrantes têm com suas terras de origem, que continuam firmes mesmo depois de algumas gerações e de miscigenações culturais. Quando os imigrantes chegam na sociedade de destino, se deparam com uma nova vivência, pessoas que pertencem àquele lugar, onde já têm suas identidades culturais definidas. A migração pode ter impactos tanto no país de origem quanto no país de destino dos povos diaspóricos (WOODWARD, 2000). Como já é de conhecimento, há muitos estudos sobre o que pode ser a cultura, mas segundo Hall (1997), toda ação social é cultural, ou seja, tudo que é feito no meio social produz um significado, “são práticas de significação”. Então todas as práticas sociais tem uma dimensão que é cultural, assim como, práticas econômicas e políticas também têm suas dimensões culturais (GODY; SANTOS, 2014). A partir desse ponto, podemos pensar que cultura é tudo que perpassa pelos meios sociais e em cada ambiente possui diferentes ações. Podemos citar alguns aspectos que são mais comuns, como a língua, a gastronomia e o lazer, em que os imigrantes já encontram diferenças simples e fortes no momento em que chegam ao seu novo local. Da mesma forma, há, normalmente, um estranhamento vindo da parte da sociedade de recepção. As identidades dos imigrantes e das sociedades de recepção são diferentes e, segundo Woodward (2000), a identidade de uma determinada população/local precisa de outra para existir – a identidade, portanto, é relacional. Os indivíduos da sociedade que recebe os imigrantes, percebem suas próprias identidades por causa da chegada das novas identidades que adentram àquele espaço, mas a autora também enfatiza que algumas dessas diferenças podem ser vistas como superiores, dependendo do grupo étnico. A partir dessa diferença, a sociedade de recepção acaba lidando de forma indiferente e estereotipando o imigrante como inferior. Bhabha (1998), fala sobre a fixidez na construção ideológica, ou seja, no discurso colonial. O estereótipo ou o discurso sobre o imigrante é repetitivo e o estereótipo é uma forma de identificação, que oscila entre algo que está sempre no lugar e algo que deve ser ansiosamente repetido. Esse discurso pronto deixa claro e demarca a raça e o gênero de maneira que não há uma flexibilidade ao pensar no outro enquanto sujeito. A identidade individual, além de relacional, é formada por marcações

simbólicas diferentes de outras identidades, como a identidade de nação por exemplo, em que os símbolos que a diferencia das demais, pode ser o uniforme, a bandeira ou qualquer “coisa” (WOORDWARD, 2000). Nessas pequenas diferenças podem ser encontrados diversos fatores que contribuem para o relacionamento que existe entre os povos diaspóricos e o local para o qual ele se desloca. E se o grupo é marcado simbolicamente como inimigo, haverá consequências reais e isso faz com que o grupo seja socialmente excluído (WOORDWARD, 2000). A partir do momento que a bandeira (a identidade do indivíduo) do outro país é mostrada, é propenso para que a pessoa cultive uma certa exclusão na sociedade de recepção. Woodward (2000) explica que os corpos fazem parte da fronteira e estabelece quem nós somos, sendo fundamental para a construção da identidade. Os corpos dos pobres são instrumentalizados, pois não decidem por si e isso fica mais visível na imigração, como em corpos que estão fugindo de guerras, mudanças climáticas, etc., e que são associados à criminalidade e a aspectos negativos da sociedade (ALBUQUERQUE, 2020). Numa via semelhante, Sayad (1979), diz que pelo fato do imigrante ser visto como problema social, todo discurso sobre ele é imposto. O autor explica que o imigrante só é bem aceito quando pode oferecer algo à sociedade de recepção como, por exemplo, mão de obra. A sociedade de destino só o aceita pois acha que sua estadia é provisória e os imigrantes precisam se apegar nisso, por causa do ambiente em que se encontram. Quando a sociedade de recepção enfim aceita os imigrantes, os enxergam em uma parte inferior da hierarquia social. Tudo isso faz parte da estereotipação que é criada em torno do imigrante e por causa da fixação do discurso imposto, é difícil de se ver a imigração de uma forma diferente. O imigrante que fica na posição de migrar é o mais vulnerável, enquanto os que transitam como “expatriados” ou “trabalhadores qualificados”, não são vistos como parte do fenômeno (ALBUQUERQUE, 2020). “A aparição, nesse caso, pode ser uma forma de opressão e estigmatização, enquanto a invisibilidade, um privilégio. Diante disso, poder decidir como o próprio corpo aparece e se quer aparecer, é privilégio de poucos” (ALBUQUERQUE, 2020, p. 69). Dessa forma, podemos pensar a mídia como um meio para mostrar a imigração de forma mais contextualizada e sem estereótipos, a fim de mostrar o imigrante de forma mais humanizada e rompendo esses pensamentos que surgem diante das diásporas. Meditsch (1992), explica que o jornalismo não informa mais ou menos a realidade que a ciência, mas ele noticia diferente. Quando as informações são passadas, elas podem mostrar as imigrações de diferentes formas e sobre diferentes perspectivas.

PALAVRAS-CHAVE

Imigrações; Identidades; Cultura

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Fabiane Cristina. **Corpo Suspenso: O (a) imigrante na mídia Italiana**. 2020. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2020. p. 365.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

CHAMBERLAIN, Mary. **Narratives of Exile and Return**. Houndsmill: Macmillan, 1998.

GODOY, Elenilton Vieira; SANTOS, Vinicio de Macedo. Um olhar sobre a cultura. **Educação em Revista**, v. 30, n. 3, p. 15-41, 2014.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, n. 2, v. 22, p. 5, 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MARTIN, Denise; GOLDBERG, Alejandro; SILVEIRA, Cássio. Imigração, refúgio e saúde: perspectivas de análise sociocultural. **Saude & Sociedade**, n. 27, v. 1, 2018. p. 26-36.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Ed.UFSC, 1992.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração de paradoxos da Alteridade**. Tradução Cristina Murocho. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

STUMPF, Ida. Pesquisa bibliográfica. In.: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2012, p. 51-61.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000